

Carta sobre Escrita – 27

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Há coisas que sim, há coisas que também e há coisas que talvez.

Maneira estranha de começar, não é? Mas há tanta coisa estranha no mundo.

Não é nada estranho que uma pessoa nascida em África e tendo como língua-mãe um crioulo ou uma língua étnica sinta dificuldades na língua portuguesa, que é para essa pessoa uma língua segunda. A partir de uma certa idade, não é fácil aprender uma língua segunda tornando-se competente nela como um nativo nessa língua. E a partir de certa idade é quase impossível. Por isso não é estranho que os textos de um jovem africano, mesmo que pretenda alcançar o estatuto de escritor, tragam marcas de uma relativa falta de competência no uso da língua. É a vida. Eu, confesso, sou bastante incompetente a escrever em francês, a minha língua segunda, para não falar já das línguas terceiras.

O facto de ser normal, e portanto compreensível, não significa que quem se encontra nessa situação seja desobrigado de melhorar a sua competência na escrita. Melhorar sempre! A sintaxe, a semântica e a pragmática. Esse é o caminho.

Mas, permitam-me dizê-lo assim, é estranho, muito estranho, que quem quer ser escritor não se comprometa – é a palavra – com cuidar dos seus textos dentro do que são as suas capacidades. Eu explico.

Estou a ler um livro de poesia de um autor, não interessa qual, de um país africano de língua oficial portuguesa. O que de imediato ressalta à vista naqueles textos é uma infinidade de erros por simples falta de cuidado. Letras em falta ou trocadas, minúsculas por maiúsculas, palavras escritas aqui de um modo e logo abaixo de outro, e assim por diante. O que fica claro, muito claro, é que não se trata de uma falta de competência na língua, mas de uma falta de competência – é preciso dizê-lo assim – em cuidar do texto, em rever o texto, em dar-se ao trabalho de apresentar o texto na dignidade que se impõe. Se o autor, hoje, ler aqueles textos com a necessária atenção, decerto ficará envergonhado. Agora, é tarde. As nódoas estão lá. Qual a mulher que vai a um jantar oficial sem cuidar do que veste? Qual o homem que vai a um jantar formal sem cuidar do fato que leva? É uma questão de decência, de respeito pelo outros e por si mesmo. Do igual modo, um autor que se preze não pode entrar na festa das letras com um texto descuidado, esfarrapado, indecente.

Quem não se quer dar ao trabalho de cuidar do seu texto, dando-se ao respeito, não merece o respeito do leitor, muito menos de um potencial editor ou de um crítico encartado.

Talvez eu esteja a ser demasiado duro, mas estou a ser verdadeiro. Não há caminho através da facilidade. A facilidade é um atalho que nos faz perder numa floresta de enganos.

Bem, eu também sei que o rigor se aprende, que o cuidado tem uma matriz social, que a exigência da melhor forma é aprendida no interior de uma cultura. E sei ainda que estas coisas da produção de textos escritos não fazem parte da cultura tradicional africana. Ao contrário, por exemplo, das práticas dos ritos da tradição, que devem ser cumpridos com rigor.

Não se trata de julgar as pessoas, menos ainda as tradições. Pretendo apenas chamar a atenção para um problema que a muitos jovens autores pode passar despercebido. Depois, cada um faz o que quer ou o que é capaz. Mas a capacitação depende também do meio que nos envolve. Há que desenvolver um ambiente crítico e exigente, pelo menos para aquilo que é só uma questão de atenção. Esta “carta” quer ser isso mesmo: um estímulo a levar a sério aquilo que cada um pretende para a sua produção literária. Qualidade, rigor, boa forma, dignidade. Certo?

Março de 2024

José A. Jana